

Cantar e Tocar ungidos pelo Espírito Santo: Ministério de Música de Renovação Carismática Católica

GILMAR MATTA SILVA

Resumo

O artigo destaca a valorização, nos termos de Foucault, de um intenso “cuidar de si” vigente na Renovação Carismática Católica e que ocorre durante o processo de ritualização imposto na atividade do músico carismático do grupo de oração Adonay em Icoaraci/Belém/Pará, associando prática religiosa no exercício de sua atividade. Assim, as práticas religiosas (entendidas enquanto técnicas de cuidar de si) instauram a subjetividade religiosa que propicia, entre os músicos, o desenvolvimento de uma performance ritual durante a execução das músicas portadoras de uma eficácia mística.

Palavras-Chave

Renovação Carismática, Ministros de Música, Espírito Santo, Música ungida.

To sing and to play anointed by the Sacred Holy Ministry of Music of Catholic Charismatic Renewal

Abstract

The article detaches the valorization, in the terms of Foucault, of an intense "take care of itself" effective in the Catholic Charismatic Renewal and that happens during the ritualization process imposed in the charismatic musician's of the prayer group activity Adhonay in Icoaraci/Belém/Pará, associating religious practice in the exercise of their activity. Like this, the religious practices (understood while techniques of taking care of itself) they establish the religious subjectivity that propitiates, among the musicians, the development of a ritual performance during the execution of the music bearers of a mystic effectiveness.

Keywords: Charismatic Renewal, Ministers of Music, Sacred Holy, Anointed Music.

Introdução

Como herdeira da tradição cristã mediante da experiência religiosa de Pentecostesⁱ como evento que expressa sua identidade caracterizada pelo uso dos dons carismáticos e o falar em línguas a

Renovação Carismática Católica (RCC)ⁱⁱ vem recompondo a função mística da música, em seus rituais, pois conforme seus adeptos a música manifesta a presença do Espírito Santo entre os fiéis; entretanto os riscos e perigos sujeitos na atividade do músico carismático, com base na crença do movimento, podem interferir no seu desempenho, uma vez que os riscos em se assumir uma forma ambígua (purezaⁱⁱⁱ e impureza^{iv}) que são marcadores por meio dos quais os grupos classificam sua experiência religiosa e também social (Douglas, 1976), torna-se incompatível com a sua atividade. Com base nesta preocupação, o movimento carismático desenvolve uma ritualização direcionada ao exercício da atividade do músico, em que passa, por meio das formações^v, todo o seu sistema de crenças para operar suas funções com segurança durante a execução das músicas.

Toda essa preocupação tem um objetivo fazer com que o canto, segundo os ministros^{vi} não perca a unção^{vii} do Espírito Santo, caso contrário o canto torna-se apenas uma simples expressão musical em que transparece o homem em vez de Deus. Ao tornar-se assim, o canto perde a sua função e o ministério^{viii}, segundo a concepção de seus membros, começa a passar por vários problemas, como: falta de harmonia, vaidade, orgulho, desânimo na caminhada.

A partir das idéias e da ritualização praticada em torno do ideal de pureza, suscitou-se a seguinte indagação: como a noção de pureza e os efeitos que ela acarreta no ministério de música são trabalhados pelos ministros? Devem-se considerar dois aspectos trabalhados em torno da atividade do músico. O primeiro se refere à formação espiritual que proporciona aos ministros o esclarecimento de sua atividade, pela qual vai lhes dar a base para entender e cumprir as normas estabelecidas no ministério. O segundo aspecto envolve o desenvolvimento das práticas religiosas (glossolalia, batismo no espírito santo, confissão, cura interior, oração pessoal, entre outras) entendidas a partir da idéia de Foucault, enquanto técnicas de cuidar de si ou tecnologias de si no ministério de música do grupo de oração Adonay em Icoaraci/Belém/Pará.

A ritualização no Ministério de Música

Na vida em sociedade os seres humanos atuam exercendo papéis sociais distintos de acordo com a sua função atribuída por instituições leigas ou religiosas e envolvem a execução de rituais que possuem objetivos diversos para com o grupo ou a sociedade que os realiza. Tal prática, embora seja de cunho universalista como frisou Van Gennep (1978) possui sua particularidade que a torna compreensível para o observador atento a sua dinâmica, em busca do seu significado.

Em relação ao ministério de música da Renovação Carismática Católica o processo de ritualização permite o vínculo dos novos candidatos ao ministério, garantindo a eficácia do seu trabalho e tentando evitar formas ambíguas que podem interferir na harmonia do mesmo. Para tornar-se um ministro de música, o candidato deve, de acordo com seus membros, sentir o chamado a evangelizar por meio da música. Tal postura, trabalhada entre os carismáticos, serve para coadunar a um todo maior, perante o qual os indivíduos são levados a ocuparem posições nitidamente definidas,

[...] podemos perceber que há um afinamento das responsabilidades. Com base nos grupos de oração vão se formando comissões de serviços, que vão compondo outras comissões, até que todos os níveis da estrutura episcopal católica sejam acompanhados por comissões do movimento carismático. (Prandi, 1997, p. 35)

Mesmo assim, na sua ampla maioria, os ministros quando abordados afirmavam que ingressaram no ministério a partir do chamado de Deus^{ix} como declara o ministro de música,

[n]a verdade depois de um longo período de discernimento, como é que eu posso te dizer, eu senti o chamado à música. E eu procurei sempre estar disposto, sempre estar disponível ao chamado de Deus, pra tocar ou pra cantar. Na verdade eu atuo mais como músico do que como cantor. Sempre o meu chamado, mesmo, sempre foi tocar na Igreja. E justamente o dom que Deus me deu eu procuro usar a serviço dele pra evangelizar, pra anunciar a boa nova através da minha música, do meu tocar, do meu cantar. (A. M., entrevista, 7/06/2001, Icoaraci/Belém do Pará)

No depoimento se observa que o marco do vínculo desses indivíduos junto ao ministério remete-se ao chamado que implica num ato de servir. Além disso, outros passos são dados pelo aspirante ao cargo. Normalmente, procura-se entrar em contato com o coordenador do ministério, a fim de declarar sua motivação (chamado) em participar deste. Por sua vez, o coordenador informa ao pretense candidato sobre um período de acompanhamento pelo qual o pretendente ao cargo será submetido, avaliando assim as condições para merecer a atividade, como expressa o coordenador na seguinte fala,

[é] feito todo um período de observação do membro que está engajando no ministério de música. É vendo a atuação dele no grupo de oração, no grupo aberto. Se ele está se dispondo a estar presente, se ele está presente, se ele está se doando ao grupo, nos trabalho do grupo. Também às reuniões do ministério, às formações, aos encontros que nós temos retiros, etc. E também a questão da espiritualidade, se ele está orando em comunidade, no caso, conosco, se ele tá fazendo a sua oração pessoal. Também os sacramentos que é uma proposta da nossa Igreja, pois somos chamados a cumpri-los; todos os músicos precisam cumprir os sacramentos. E nós analisamos todas estas questões se ele está verdadeiramente sendo fiel ao chamado. (E. M., entrevista, 15/06/2001, Icoaraci/Belém do Pará)

Neste sentido vale ressaltar que embora se tomem como verdadeira a afirmação, a respeito do chamado, para os seus seguidores, vê-se que estas apresentam implicações de cunho institucional, pois não basta ter o chamado é necessário pertencer ao movimento via grupo de oração para posteriormente entrar em contato com a nova realidade, a qual contará com a ajuda dos demais ministros para desenvolver o seu dom.

O processo que os futuros ministros de música enfrentam para assumirem, posteriormente, o cargo, está ligado a várias etapas até o seu desfecho. Entre as etapas ou passagens efetuadas dentro do seguimento religioso ocorre à iniciação^x, seja pela aprendizagem de cunho doutrinário abordada na formação do músico, seja no desenvolvimento de suas habilidades musicais.

Tais indivíduos, como dizem, receberam o chamado a exercerem as atividades a partir de uma revelação de ordem sobrenatural feita pelo Espírito Santo e passam a compartilhar do universo de crenças ligadas às suas atividades, deixando transparecer que as habilidades humanas (técnica teórico-musical) são necessárias, porém não essenciais. Há um reconhecimento da importância do aperfeiçoamento do dom no plano instrumental^{xi}, sendo, porém que este se torna secundário, mediante seu desenvolvimento no plano espiritual, o que influencia, segundo a opinião expressa, diretamente na forma de tocar ou cantar do músico,

[a] espiritualidade é extremamente necessária para a vida do músico. É a questão da pessoa está tocando, e não tocar por tocar. É tocar pra que Deus possa converter. E se a pessoa não tem sintonia com o Pai, ela não pode falar de uma coisa que ela não conhece. Como é que ela vai conhecer? Através da sua espiritualidade, de sua experiência de amor com o Pai. [...] [a] gente toca impulsionado pelo espírito, e, sem espiritualidade não há presença do espírito. A gente não toca por nós mesmos. Quanto mais profunda a espiritualidade, mais unção você toca. O seu tocar torna-se mais transparente. (A. M., entrevista, 10/07/2001, Icoaraci/Belém do Pará)

Por isso, o imaginário que circula em torno da atividade do músico carismático e do aprimoramento do seu dom torna-se inteligível na medida em que “[...] constitui, de um ponto de vista analítico, imbuir um certo complexo específico de símbolos - da metafísica que formulam e do estilo de vida que recomendam - de uma autoridade persuasiva.” (Gueertz, 1978, p. 128). Em suma, crença e prática religiosa possibilitam aos indivíduos adotarem um estilo de vida, baseado em uma visão de mundo adequada à realidade, por meio de representações consideradas verdadeiras assegurando o vínculo dos indivíduos com a instituição.

Todo o ritual apresenta ou comunica ao indivíduo, que dele participa, a maneira como funciona a sociedade ou um setor institucionalizado da mesma.

Também outorga funções a fim de garantir a manutenção da sociedade por meio dos papéis sociais exercidos pelos indivíduos. Neste sentido, o Movimento de Renovação Carismática desenvolve estratégias (ritualização de caráter privado) em torno de seus núcleos de atuação^{xii}, a fim de garantir a manutenção dos serviços internamente e como forma de se auto-afirmar perante seus adeptos. O que implica dizer, em outros termos, uma exposição compartimentada daquilo que compõe e é a Renovação Carismática em seus respectivos ministérios.

Como se percebe o candidato a ministro de música passa por diversas etapas até ser instituído ao cargo. Tais etapas constituem aquilo que Van Gennep (1978) chamou de ritos de passagem, os quais são desempenhados para a realização de uma mudança. Para o autor os ritos obedecem a três momentos consecutivos, ou seja, separação (saída do estado anterior); liminaridade ou margem (estado de passagem, propriamente, em que a pessoa se acha entre o estado anterior e o posterior); agregação (quando se dá a introdução ao novo estado). Sendo a fase da liminaridade o momento mais rico em termos simbólicos e de maior perigo, pois se trata de um momento intermediário em que o indivíduo não se encontra em uma classificação definida dentro dos padrões reconhecidos pela sociedade é alguém que está passando de uma posição para outra. E depois de cumprir o ritual de mudança pode ser relacionada a um grupo humano, a uma sociedade inteira reunida naquele momento para viver essa experiência.

Para os membros do grupo de oração Adonay a missa é o ritual que visa imprimir a marca sagrada, revestindo o indivíduo para estar ligado à tradição do catolicismo, pois é na missa^{xiii} com seus consecutivos ritos - principalmente o rito de comunhão - que o ciclo da transição termina, estabelecendo um laço de união entre o iniciado e a divindade que se materializa no símbolo (hóstia) cristão,

[a] missa nós costumamos dizer que é um preceito do grupo. Todos os membros do grupo, principalmente o ministro de música, nós que atuamos na celebração eucarística e tocamos, nós temos que participar da missa. A missa é a oração mais perfeita que nós podemos fazer. E é o momento que nós temos o encontro pessoal com Cristo ressuscitado (Deus pai, Deus filho, Deus Espírito Santo) presente ali, na hóstia consagrada, no corpo e sangue de Cristo, em cima do altar. E no caso a missa é o ponto alto da nossa espiritualidade não só como músico, mas como cristão. (A. M., entrevista, 10/07/2001, Icoaraci/Belém do Pará)

Se relacionarmos ao exposto acima com a nossa compreensão sobre as teorias que Durkheim (1996) utiliza para mostrar porque a religião torna-se um fenômeno social relevante, chega-se à conclusão de que esta atua sobre os indivíduos como uma força externa no interior da sociedade coibindo e criando estados coletivos. Assim, ela os coíbe pelo fornecimento de regras morais e outras normas às quais eles têm de se conformar. Mas é, também, criadora ao

fornecer a cada indivíduo os recursos culturais com os quais ele conduzirá sua vida. Por isso, a valorização da missa bem como dos sacramentos, é indicada como “[...] um dos traços mais marcantes da Igreja Católica.” (Pandi, 1997, p. 42).

Para o ministério de música Adonay isso envolve o processo de ritualização, pois ao serem instituídos, tais indivíduos podem ser comparados aos sujeitos liminares observados por Turner nos rituais de investidura na África. Segundo o autor os sujeitos liminares ao assumirem o novo *status* após o processo ritual passam a ter “[...] direitos e obrigações perante os outros de tipo claramente definido e ‘estrutural’, esperando-se que se comporte de acordo com certas normas costumeiras e padrões éticos [...]” (Turner, 1974, p. 117). Então o processo de ritualização no ministério de música tanto outorga um novo *status* quanto tenta assegurar o bom desempenho de suas funções, mediante a observação de regras, vigente no cargo ocupado, em que emerge a concepção de pureza entre os ministros.

A ambigüidade do músico carismático

Sendo o universo constituído por diversos elementos este se apresenta estabilizado por meio de convenções que garantem o equilíbrio entre a ordem natural e a social. Caso haja intromissão de um elemento estranho em um desses campos, sua entrada acarreta problemas em ambos, pois o efeito propagado independe do lado em que atua. Por isso, todo o tipo de mistura efetivada nesses contextos acarretará em dano, pois se torna prejudicial ao bom funcionamento da sociedade,

[...] [n]a verdade, a ordem natural continua a ordem social e reflete-a. Estão ambas ligadas: o que perturba uma desordena a outra. De igual modo, qualquer mistura é uma operação perigosa que tente a trazer confusão e desordem, que se arrisca em especial a baralhar qualidades que convém manter separadas, se se quiser que elas conservem as suas próprias virtudes. (Caillois, 1979, p. 26)

Ao mantê-las em pólos opostos, os indivíduos revelam a maneira como se estrutura o pensamento humano, o qual segundo Lévi-Strauss (1976) opera a partir de uma rede de classificação ou associações de caráter simbólico. Assim, há a necessidade em separar objetos, alimentos, animais, sexos (partir do simbólico chega-se à experiência) a fim de evitar a mistura, pois esta significa um risco que causa desequilíbrio na ordem do mundo,

[...] [é] que a mistura não é considerada pelo pensamento religioso como uma espécie de operação química de conseqüências definidas e, em todo o

caso, puramente materiais. Ela afecta a própria essência dos corpos. Perturba-a, altera-a, introduz nela uma mácula, quer dizer, um foco contagioso de infecção que é urgente destruir, eliminar ou isolar. (Caillois, 1979, p. 27)

Compartilhando das idéias de Lévi-Strauss, Mary Douglas ao analisar os rituais de poluição e pureza afirma que “[...] idéias sobre separar, purificar, demarcar, e punir transgressões, têm como função principal impor sistematização numa experiência inerentemente desordenada.” (1976, p. 15). Vale dizer que, conforme a autora, tais atos ocorrem a partir da idéia que se tem do espaço no qual transitamos, implicando num exercício de organização do mesmo.

Particularmente, se observa que o ministério de música procura separar categorias ambíguas que se colocadas no mesmo contexto utilizado por Douglas, visam impor ordem no âmbito religioso. Evitando, assim, a desordem (provocada pela perda de unção dos ministros de música) tornando incompatível o exercício de suas atividades. Como declara a ministra,

[q]uando percebemos que nem os músicos e cantores não estão em harmonia, quando estamos reunidos em oração, ou em um show, encontro, e a graça não acontece, é fácil perceber quando o ministério em vez de fazer o povo acordar pra Jesus, faz o povo dormir. Ai vem às conseqüências, a corda do violão quebra, o cantor desafina, o som fica fazendo zumbido, o baterista perde o ritmo, isso tudo é a falta de unção. (M. R., entrevista, 5/07/2001, Icoaraci/Belém do Pará)

Nesta circunstância, tenta-se evitar a segunda forma possível de ser assumida pelos ministros de música, ou seja, a forma não unvida, em contraposição à forma unvida. Se de um lado se associa a perda da unção pelo enfraquecimento dos laços comunitários, constituindo fonte de problemas e desequilíbrios no curso de suas funções. Por outro lado, a aquisição de unção ocorre a partir da observância dos laços comunitários, os quais asseguram a atribuição de sentido no exercício da atividade, identificada pela forma de representação da nova condição assumida, segundo os próprios ministros,

[a] falta de unção no ministério de música acontece porque muitos estão em falta com Deus, falta de oração é um ponto muito importante, causadora da falta de unção no ministério. Por que sem oração nós não podemos caminhar. E são relatos e exemplos concretos que nós apresentamos quando não estamos com unção. Por que algumas coisas acontecem, nós nos aborrecemos muito rápido e tudo isso atrapalha no crescimento, na evangelização, e atrapalha principalmente os ministros de música, que somos nós, e a assembléia (o povo) no qual estamos ministrando a música. (M. C., entrevista, 12/09/2000, Icoaraci/Belém do Pará)

[q]uanto mais profunda a espiritualidade, mais unção você toca. O seu tocar torna mais transparente. A gente toca impulsionado pelo Espírito, e sem espiritualidade não há presença do Espírito. A gente não toca por nós mesmos, por isso a espiritualidade é de fundamental importância na vida do

músico que deseja transmitir a unção do Espírito, seja no seu tocar, seja no seu cantar, para a assembléia. (E. R., entrevista, 18/10/2000, Icoaraci/Belém do Pará) (Grifo nosso)

No entanto, a preocupação com o aperfeiçoamento espiritual centralizado na importância da santificação por parte dos membros da Renovação Carismática está ligada a forte tendência que o movimento possui em relação às práticas protestantes de caráter pietista^{xiv}. Segundo Machado, sua pesquisa,

[...] confirmou o forte caráter pietista do Movimento de Renovação Carismática Católica, já apontado em trabalhos anteriores: uma ética individual contestadora da moral circundante com a insistência em uma vida de pureza, santificação e piedade; uma ênfase na experiência religiosa que por vezes coloca a emoção à frente das reflexões teológicas, uma atividade devocional intensa; e um espírito de reativação da espiritualidade que não chega a ser sectário. (1996, p. 105)

Contudo, a Renovação Carismática, ao trabalhar a concepção de pureza, entre seus membros, a partir de idéias e símbolos que estabilizam tanto a aquisição quanto o abandono desta condição, deixa explícito que “[...] o homem adquire pureza submetendo-se a um conjunto de observâncias rituais” (Caillois, 1979, p. 38). A afirmação nos remete, novamente, as idéias de poluição encontradas por Mary Douglas. Segundo a autora tais idéias são trabalhadas em dois níveis nas sociedades por ela estudadas, ou seja, um instrumental e outro expressivo. Para Douglas (1976) a poluição instrumental se manifesta por meio de crenças em poderes místicos de pessoas que tem por objetivo influenciar um tipo de comportamento demonstrando uma forma de pressão social. Já a poluição no nível expressivo se manifesta mediante a adoção de regras (intéridos) elaboradas pela sociedade, as quais visam assegurar a boa conduta (moral) entre os indivíduos. Aliás, podemos dizer que este último nível é o que se mostra mais adequado à proposta carismática. Diante disso, resta-nos saber como os carismáticos constroem o arcabouço simbólico que guia essa prática (noção de pureza) para que se possa ministrar a música ungida?

Em seu artigo, Figueiredo (1995) trabalha com um dos eixos de análise que aproxima Foucault de Heidegger, ou seja, a ética enquanto morada e habitação. Neste ponto, o artigo retoma os trabalhos de Foucault em que se enfoca sua preocupação com a ética e a moral, e, sobretudo, com a ética como procedimentos e técnicas de si.

Analisando essa idéia de Foucault e se apropriando da metáfora - casa, morada, habitação - de Heidegger, Figueiredo procura, dessa maneira, designar ou representar como se configura a forma da dimensão ética moderna. Segundo Figueiredo,

[a] dimensão da ética da existência abarca, naturalmente, o campo de nossas relações com os outros mediadas, explícita ou implicitamente, por códigos de prescrições, por padrões de legitimação de condutas. Porém, a dimensão

ética implica fundamentalmente os humanos em relações reflexivas, vale dizer, instauram-se aqui relações de cada um consigo mesmo. (1995, p. 142)

Nestes locais (considerados seguros) o indivíduo “refugia-se” do mundo e encontra neles um campo propício para desenvolver sua subjetividade, atribuidora de sentido, para suportar a incoerência das relações desestabilizadas (além fronteira) a partir de um cuidado que se mantém de si,

[...] é no relativo distanciamento dos acontecimentos do mundo ‘lá fora’, propiciado pela habitação, que podemos desenvolver nossas capacidades cognitivas, tanto na via do conhecimento representacional, calculador e científico, como no do jogo e da criação, como da meditação filosófica. O habitar sereno e confiado é assim também a condição do pensar, do representar, do brincar e do experimentar, exatamente porque o abrigo da casa nos dispensa de maiores esforços. (Figueiredo, 1995, p. 143)

Fazendo uma relação com o tipo de metáfora empregada por Foucault, pode-se dizer que o Movimento Carismático apresenta-se enquanto uma morada simbólica que propicia esse cuidar de si, entre seus adeptos. Dessa forma, o que chamamos de concepção de pureza existente entre os ministros do grupo Adonay está ligada às técnicas de cuidar de si mencionada por Foucault. Neste sentido, Figueiredo diz que [...] para Foucault tanto os códigos de prescrições e proibições como, e principalmente, as relações consigo são históricas e sujeitas a amplas variações e múltiplas combinações. (1995, p. 142).

É por isso que Sena ao estudar a relação música/religião para entender o processo de desregulação institucional e de “socialização comunitária emocional” na RCC, percebe a articulação dessa relação de si em torno do movimento ao afirmar que,

[...] [e]sse cuidado de si tão denso como foi na Idade Média, obrigatoriedade de confissão e no século XIX (as formas de documentação escrita como diários e biografias) está sendo reconfigurado na RCC, por meio dos grupos de oração e seus procedimentos de cura interior, os testemunhos pessoais de cura e transformação ‘de vida’, os atendimentos individuais realizados por ‘especialistas’ do carisma de cura e libertação, congressos, livros e formações específicas e principalmente pela execução musical. (1999, pp. 4-5).

Dessa maneira se observarmos os depoimentos dos músicos encontraremos para além da forma discursiva uma entre outras possibilidades, configuradas na RCC, da dimensão da ética moderna, responsáveis pela produção da subjetividade religiosa, via os procedimentos das técnicas de si. Assim, podemos destacar a preocupação do cuidar de si entre os ministros de música a partir de seus discursos,

[d]evemos estar preocupados com a nossa espiritualidade, pois além da reunião do ministério de música (formação), temos que ter um horário para nos abastecer. A espiritualidade é importante, pois ela tem a função de nos curar, de preencher o que está vazio em nós. Só assim, conseguiremos realizar o nosso trabalho de forma eficaz. (E. M., entrevista, 2/08/2001, Icoaraci/Belém do Pará)

A grande obra que Jesus quer fazer em nosso coração é a purificação. Por isso, o primeiro ponto nosso é estar em estado de graça, ou seja, primeiro vem o cristão depois o músico. O ministério de música precisa ser batizado, novamente, no Espírito Santo. O batismo no Espírito nos reveste do homem novo deixando para traz o homem velho (C. F., entrevista, 13/08/2001, Icoaraci/Belém do Pará)

Os procedimentos de cuidar de si alcançaram grandes proporções em nossa sociedade e ocasionaram a total autonomia dos indivíduos, enquanto construtores de suas próprias moradas. Como podemos verificar, entre os ministros de música, a preocupação em dar formações específicas por parte do Movimento Carismático, acompanhada das normas^{xv} colocadas neste ministério, deixam transparecer os redimensionamentos das técnicas combinadas com os preceitos da Tradição Católica. Além disso, a Renovação Carismática apresenta-se (analiticamente) enquanto uma morada que comporta sub moradas (ministérios), as quais são relativamente autônomas e produtoras, em seus respectivos campos, de suas subjetividades religiosas ao assumirem o contínuo movimento de construir e reconstruir suas moradas dentro da estrutura da Renovação Carismática Católica.

O procedimento denominado por Foucault de técnicas de cuidar de si, hoje, recomposto na RCC, condiz com o que denominamos ser a concepção de “pureza”, no ponto de vista dos ministros de música. A partir de tal aspecto se retoma (levando em consideração essa noção) a valorização do corpo no

ritual, enquanto portador da ação sobrenatural durante a execução das músicas.

Reintroduzindo o papel do corpo na RCC

Com a recomposição do sistema de crenças a partir da dimensão comunitária e afetiva realizada pelas correntes carismáticas, ocorre uma valorização do corpo como elemento constituidor de sentido na vida religiosa. Sabe-se que a compreensão do corpo a partir dos sistemas religiosos foi fundamentalmente marcada pela concepção (ocidental) dualista entre corpo e alma durante toda a Idade Média. Neste período ocorreu uma negação do corpo, devido a nossa herança cultural ser proveniente das tradições clássicas e judaico-cristã (Porter, 1990).

Na tradição cristã o cuidado extremo e exacerbado com o corpo passa a ser visto como uma espécie de “prisão da alma” em cima do prazer, riso, etc. Isto faz com que ocorra a negação do corpo principalmente no que se refere ao aspecto feminino, embora o lado masculino seja marcado pela mesma concepção, porém com menos intensidade. De acordo com Le Goff “[n]a Idade Média, porém, a

diabolização da carne e do corpo – considerado como suporte de devassidão e centro de produção do pecado – negou ao corpo toda e qualquer dignidade” (1994, p. 160). Neste período, a questão principal passa pela alma punindo o corpo, ou seja, o corpo deve sofrer para a alma ser purificada, levando em consideração a aplicação de regras destinadas a punir o corpo, pois este pode desvirtuar a alma, caso ele fique solto. Mas, para além da visão dualista sobre o corpo, diversos estudos no campo da antropologia contribuíram, numa tentativa de romper com tal visão, para o avanço da discussão, considerando o aspecto simbólico,

[r]eflexões sobre o papel do corpo como matriz de significados sociais, e objeto de significação social, aparecem na obra de alguns antropólogos contemporâneos, como Victor Turner (o pólo corpóreo – sensorial de toda metáfora ritual; 1967-1974), Mary Douglas (a experiência social lança mão dos processos corporais para tornar-se pensável; 1970-1976) e C.Lévi-Strauss (as qualidades sensíveis, e a experiência do corpo, como operadores de um discurso social; 1962-1966-1967). Apesar de inúmeras diferenças entre estes autores há algo em comum: a corporalidade não é vista por simples suporte de identidades e papéis sociais, mas sim como instrumento, atividade, que articula significações sociais e cosmológicas; o corpo é uma matriz de símbolos e um objeto de pensamento. (Seeger, 1987, p. 20)

A dinâmica corporal empreendida no Movimento de Renovação Carismática busca viabilizar o contato entre os seus adeptos e a divindade, que é estimulado pela utilização de várias técnicas corporais^{xvi}, executadas em contextos específicos, nos diversos rituais realizados por este movimento (Maúes, 2000). Diante disso, toda ênfase dada ao corpo assimilado ao intenso cuidado a ele submetido, remonta a um resgate da tradição do cristianismo. Paul Veyne, analisado por Le Goff, afirma que,

[...] o cristianismo deu uma justificação transcendente, baseada ao mesmo tempo na teologia e no livro (a interpretação da Gênese e do pecado original, o ensinamento de S. Paulo e dos padres da Igreja) – o que é muito importante. Mas transformou também uma tendência minoritária em comportamento ‘normal’ da maioria – ou pelo menos das classes dominantes, aristocráticas e/ou urbanas – forneceu aos novos comportamentos um novo enquadramento conceptual (vocabulário, definições, classificações, opiniões) e um rigoroso domínio social e ideológico, exercido pela Igreja, e pelo poder laico ao seu serviço. Ofereceu, enfim, uma sociedade exemplar realizando, na sua forma ideal, o novo modelo sexual: o monaquismo. (1994, pp. 157-158)

O resgate feito entre os membros da Renovação Carismática revive dois momentos distintos na história do cristianismo, redimensionando o velho discurso sobre o papel do corpo na tradição católica. De um lado “[...] no

catolicismo tradicional o corpo é o lugar da ascese, do martírio, da batalha contra as paixões” (Sena, 1999, p. 7), refletindo nitidamente a oposição (carne-espírito) de Paulo^{xvii}. E de outro lado na própria Renovação Carismática Católica em que emerge a máxima desse apóstolo, referente ao corpo enquanto “morada do Espírito Santo”^{xviii}.

Assim, tenta-se vivenciar esta nova linguagem cristã cheia de ritualidades, pelas quais assumem funções operadoras no indivíduo, com base em sua experiência mística com o sobrenatural e, também, subsidiada pelos recursos culturais fornecidos por intermédio da religião. Sendo o corpo trabalhado para atingir um grau de espiritualidade elevado, conferindo, a ele, o bom desempenho em suas funções portadoras de uma eficácia mística.

Cantar e tocar ungidos pelo Espírito Santo

Com o retorno à tradição Católica, a Igreja Católica, por meio da Renovação Carismática, recupera, também, a dimensão mágica nos seus rituais. Embora haja distinção entre religião e magia^{xix}, sabe-se que ambas estão intimamente relacionadas, pois trabalham com o aspecto simbólico em seus rituais. No caso do catolicismo há um vínculo muito próximo com a magia, por exemplo, durante os atos do padre na transubstanciação do pão e do vinho e no perdão dos pecados, entre outros mediados pela linguagem.

Hoje, essa valorização da magia visivelmente presente na Renovação Carismática é percebida em suas “[...] técnicas e conteúdos doutrinários do pentecostalismo, reintroduzindo o milagre, a preocupação centrada no indivíduo e reinaugurando em grande estilo, uma vez que agora fica disponível para as massas, a valorização do êxtase religioso” (Prandi, 1996, p. 103). Fato que permite fazer uma analogia entre a prática do mago (feiticeiro) com às dos ministros de música, no que condiz à eficácia de sua ação.

Marcel Mauss, em seu estudo sobre a magia, diz que esta se relaciona às práticas rituais que estão implícitas na manipulação de objetos ou no próprio poder do mago. Sabe-se que tal agente, segundo este autor, possui certas qualidades que o distinguem das pessoas normais e, além disso, por se submeter ao processo de iniciação às artes mágicas. A ação do mago tem a finalidade de produzir um efeito eficaz e, para isso, deve se submeter a certas observâncias rituais (o que não difere da ação dos ministros de música), compatíveis ao rito executado,

[...] é um erro supor que o mago de ocasião se sinta, sempre, no exato momento em que executa o rito, no seu estado normal. Com frequência, é porque deixa esse estado que ele se encontra em condições de operar com resultado. Observou interdições alimentares e sexuais, jejuou, sonhou, fez tais e tais gestos prévios, sem contar que, pelo menos por um instante, o rito faz dele um outro homem. (Mauss, 1974a, pp. 55-56).

A afirmação do autor mostra que a magia também se fundamenta em noções religiosas, apesar de ser nitidamente desqualificada pelo pensamento religioso. Neste sentido, chega-se a um elo comum (rituais) entre magia e religião que nos permite prosseguir a analogia entre a ação do mago e dos ministros de música. Segundo Mauss “[e]ncontram-se na magia quase todas as formas de ritos orais que conhecemos na religião: juramentos, votos, promessas, preces, hinos, interjeições e simples formulas” (1974a, p. 84). Esses ritos utilizam a linguagem como forma de evocar poderes sobrenaturais, a fim de realizar seus propósitos para diversos fins como novamente afirma Mauss,

[s]e todos esses ritos orais tendem para as mesmas formas dá-se o fato porque todos têm a mesma função. Mais ou menos, todos têm por efeito e evocação de um poder e a especialização de um rito. Invoca-se, chama-se, faz-se com que se torne presente a força espiritual que deve tornar o rito eficaz, ou pelo menos, prova-se a necessidade de dizer qual é o poder com que se conta. (p. 86)

Referente ao aspecto abordado Lévi-Strauss (1975) mostra a importância da ação da linguagem sobre os comportamentos, com a intenção de operar a cura física, por meio da indução da palavra feita pelo xamã ou feiticeiro à paciente. Para atingir o objetivo o especialista utiliza como recurso terapêutico o canto que narra desde a partida do xamã, os conflitos que trava no corpo da paciente até a cura propriamente dita, ocasionada pela libertação do mal que a afligia proporcionando dar à luz ao novo ser, pois segundo o autor,

[t]udo se passa como se o oficiante tratasse de conduzir uma doente, cuja atenção do real está indubitavelmente diminuída – e a sensibilidade exarcebada – pelo sofrimento, a reviver de maneira muito precisa e intensa uma situação inicial, e a perceber dela mentalmente os menores detalhes. Com efeito, esta situação introduz uma série de acontecimentos da qual o corpo e os órgãos internos da doente constituirão o teatro suposto. Vai-se, pois, passar da realidade mais banal ao mito, do universo físico ao universo fisiológico, do mundo exterior ao corpo interior. (Lévi-Strauss, 1975, pp. 211-212)

Vale lembrar que a crença é o requisito básico nesse processo de cura para operar a eficácia terapêutica, pois, segundo Lévi-Strauss a crença constitui uma regra universal em qualquer contexto cultural; crença esta partilhada em uma tríplice dimensão: a do xamã (mago) em seus poderes; da doente nos poderes do xamã e no ritual que pratica; e do grupo (público) que observa o ritual a fim de comprovar o poder do xamã e a crença da doente, contribuindo para a realização do procedimento terapêutico. Assim, para Lévi-Strauss a relação entre xamã e o grupo (público), retrata a oposição indivíduo-coletivo, pois a cada cura, espetáculo encenado pelo xamã, repete a sua “crise” inicial, o sinal pelo qual o grupo o reconheceu.

O processo no qual o xamã opera a cura é designado por Lévi-Strauss de ab-reação^{xx} que se refere ao momento decisivo da cura, quando o doente revive intensamente a situação inicial que está na origem de sua perturbação, antes de superá-la definitivamente. A ab-reação é um substituto do ato, encontrado na linguagem. Daí provém todo o seu impacto. O processo de ab-reação, com a psicanálise e a cura xamanística, permite a Lévi-Strauss estabelecer uma comparação entre as duas curas,

[a] cura xamanística e a cura psicanalítica tornar-se-iam rigorosamente semelhantes: tratar-se-ia em ambos os casos de induzir uma transformação orgânica, que se constituiria essencialmente numa reorganização estrutural, que conduziria o doente a viver intensamente um mito, ora recebido, ora produzido, e cuja estrutura seria, no nível do psiquismo inconsciente, análoga àquela do qual se quereria determinar a formação do nível do corpo. A eficácia simbólica consistiria precisamente nesta ‘propriedade indutora’ que possuiriam, umas em relação às outras, estruturas formalmente homólogas, que se podem edificar, com materiais diferentes, nos diferentes níveis do vivente: processos orgânicos, psiquismo inconsciente, pensamento refletido. (1975, p. 221)

Para este autor o xamã é um agente que provoca ou induz, no doente, simbolicamente uma ab-reação de sua perturbação na qual este ab-reage por conta própria, elucidando, assim, o processo de sua cura. Entre os carismáticos tais tipos de petições encontram-se, adensadas, em seus rituais por meio da “ritualização da palavra”^{xxi} que propicia um clima de espontaneidade e fervor entre os fiéis, semelhante aos rituais do pentecostalismo. A ritualização oral na RCC ocorre em diversos momentos como: pregações, cura interior e libertação, glossolalia, louvores e pelas músicas, constituidoras, segundo seus adeptos de uma eficácia real da ação do Espírito Santo. Observe o depoimento de uma ministra de música sobre a eficácia da música em um momento de cura,

[a]conteceu, assim, um fato muito importante que foi num retiro, agora, que nós tivemos do grupo Adonay. E esse retiro assim, foi num momento de cura que as pessoas estavam, assim, precisando ser perdoadas; e no momento da oração e da canção, todos se entregaram. Era uma canção de perdão. E no momento dessa oração de perdão nós fomos relembrando tudo o que nós tínhamos feito de errado e o Senhor foi nos tocando o nosso coração. Muitas pessoas caíram em lágrimas, lembrando de seus pais, de suas mães, seus irmãos, aquelas pessoas que as tinham ofendido e as pessoas que elas ofenderam também. Esse foi um momento muito importante, porque Deus através dessa canção transformou os nossos corações nos lavando e purificando o nosso ser. (M. C., entrevista, 25/06/2000, Icoaraci/Belém do Pará) (Grifo nosso)

Veja-se que o canto utilizado pelos ministros conota, por assim dizer, o mesmo artifício (linguagem) empregado pelo xamã (feiticeiro) no processo de cura. Observe-se que, neste depoimento, a palavra “relembrando” é usada no sentido de indicar a causa dos problemas e ao mesmo tempo sua solução,

mediante a inteorização do canto feita pelos fiéis. A esse respeito Rivière (1996) comenta que entre outras características do ritual apontadas por Turner os objetos, os gestos e palavras são essencialmente simbólicos e coadunam a performance ritual. Sendo assim a execução das músicas e seus executores, como acreditam os membros da Renovação Carismática, possuem um poder sobrenatural capaz de produzir um efeito eficaz na assembléia, uma vez que a música em si constitui um rito oral. Conforme diz Sena,

[a] música como fundamento da RCC se traduz na centralidade da execução dos cantos religiosos nos grupos de oração, e nas suas mais variadas instâncias de afirmação e organização e eventos de 'massa'. Execução esta, que em si, constitui 'rito', enquanto vinculador da 'ordem profana', o mundo das emoções pessoais, a um plano transcendental, habitado pelo poder absoluto de Deus, (Espírito Santo) por Maria, e pelos anjos. (1999, p. 6)

Neste sentido, se percebe que a música apresenta-se enquanto uma imagem (sob o ponto de vista de seu conteúdo) auto-referente para os seus adeptos, uma vez que esta se torna,

[...] elemento de 'salvação' religiosa na RCC pretende ser harmônica, ou seja, expressar na execução, no canto na recepção auditiva do adepto uma 'melodia' que seja a própria expressão 'mítica' e simbólica na compreensão antropológica, da atuação do espírito. Se o espírito leva cura, paz, conversão, alegria, etc, a música na RCC deve ser a própria dimensão estética do espírito, tornando, enfim o enunciado religioso uma estética do sagrado. (Sena, 1999, p. 11).

Mas para isso ser viável é necessário que os músicos adquiram, pela observância da ritualização à qual foram submetidos, os requisitos básicos para se ministrar a música unguida^{xxii}, ou seja, unção e santidade. Portanto, a crença dos ministros de música nesses elementos considerados essenciais para sua execução, reforça entre o grupo o caráter normativo imposto no movimento em busca da santificação. A música só produzirá algum efeito na medida em que os músicos (ao permanecerem nesse estado de unção, embora isto não seja uma característica fixa, podendo sofrer oscilações) projetem a ação do Espírito Santo aos fiéis. Nesse caso, o corpo é amplamente trabalhado no intuito de se construir ou formar, no indivíduo, uma *personalidade sagrada*^{xxiii} que sirva de habitação e veículo de comunicação do Espírito Santo, baseado numa intensa atividade ritualística.

Considerações finais

O artigo teve como intuito apresentar uma reflexão sobre a relação música e religião dentro do fenômeno religioso do Movimento de Renovação Carismática Católica, a partir da dinâmica ritualística em torno da inserção do músico no ministério de música do grupo de oração Adonay. A ritualização no

ministério de música visa estabelecer um padrão de comportamento, associado à noção de pureza, que contribui para ministrar a música ungida.

É importante mencionar que tal afirmação se confirma em parte, pois ao sistematizar um *perfil ideal*, entre os ministros de música, o grupo Adonay deixa transparecer uma ação normativa imposta no exercício de suas funções centralizada na aceitação, por parte do ministro de música, de um modelo padronizado. O perfil é desenvolvido a partir das formações a que são submetidos, tendo a intenção de levá-los a interiorizar o sistema de crenças sobre um cargo ou função, no intuito de anular comportamentos e idéias divergentes ao *ethos* proposto pelo Movimento Carismático, ao lado das práticas religiosas fomentadas pelo grupo. No entanto, a adesão total ao perfil suscitado pelo Movimento Carismático é marcada por resistência entre os ministros. Isto ocorre devido à própria dinâmica social no interior do ministério proporcionar a produção de estratégias que suscitam novos valores e representações em torno da atividade do músico, voltadas mais para o âmbito de uma “moral aberta” do que para uma “moral fechada” segundo Bergson (1978, p. 49). Entre os discursos dos profetas e grandes artistas Bergson encontrou a presença da moral aberta em que tais pessoas conduzem suas relações fora dos parâmetros estruturais, em virtude de serem enquadrados nas categorias de seres liminares.

O pretenso diálogo efetivado pelo Movimento Carismático entre religião e arte^{xxiv} tende a ser harmônico, na medida em que toma a arte como sua principal aliada na propagação dos valores cristãos e enquanto (música) veículo de manifestação do sagrado entre os fieis. Como isso ocorre? O Movimento Carismático leva ou tenta levar o músico a crer, por meio das referidas formações, que seu trabalho é resultado do carisma ou da habilidade condicionada pela divindade. Dessa forma, a Renovação Carismática Católica, ao viabilizar o diálogo entre religião e arte, pretende recolocar o catolicismo na condição de religião universal, em face de propagação de religiões alternativas. Isto se entende melhor quando Weber coloca que o diálogo entre religião e arte,

[...] levou a alianças sempre renovadas, bastante significativas para a evolução da arte. A grande maioria das religiões participaram, de alguma forma, dessas alianças. Quanto mais desejavam ser religiões universalistas de massa, e assim se voltavam para a propaganda emocional e os apelos de massa, tanto mais sistemáticas eram as suas alianças com a arte. (1978, p. 392)

Por esse motivo se torna necessário ritualizar a passagem dos músicos, mediante o desenvolvimento da dimensão místico-espiritual, a qual é assegurada pela utilização dos recursos culturais (práticas religiosas), fornecidos tanto pelo Movimento Carismático quanto pela religião Católica. Ao serem intensamente acionadas, nesse processo, as práticas culturais dão suporte

para os músicos realizarem suas funções, consideradas enquanto mecanismos cognitivos que proporcionam a instauração da subjetividade religiosa moderna, entendida por *técnicas de cuidar de si* considerada por Foucault.

Com isso o Movimento Carismático revitaliza entre seus adeptos o discurso do cristianismo referente ao corpo, enquanto templo do Espírito Santo, sendo que todo o cuidado, a ele direcionado, advém dele ser considerado o veículo portador da ação do sobrenatural. Neste sentido, embora exista um reconhecimento por parte dos membros do Movimento Carismático que pureza e impureza são estados alternantes, o ministério de música do grupo Adonay propõe, a partir das *técnicas de cuidar de si*, organizar este espaço religioso, a fim de se anular a ambigüidade prejudicial ao seu desempenho e construir, a partir das observâncias rituais, no indivíduo, uma *nova personalidade*, assegurando um estado permanente de pureza ao reviver os ideais típicos do pietismo.

Referências bibliográficas

- BROWN, P. De apóstolo a apologista: ordem sexual e renúncia sexual na igreja primitiva In: BROWN, P. Corpo e Sociedade: O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do Cristianismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- BERGSON, H. As duas fontes da moral e da religião. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- CARRANZA, B. Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências. São Paulo: Santuário, 2000.
- CAILLOIS, R. Relações gerais do Sagrado e do Profano In: O Homem e o Sagrado. Lisboa: Edições 70, 1979.
- _____. A ambigüidade do Sagrado In: O Homem e o Sagrado. Lisboa: Edições 70, 1979.
- DURKHEIM, É. As Formas Elementares da Vida Religiosa: O sistema Totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- DOUGLAS, M. Pureza e Perigo. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- FIGUEIREDO, L. Foucault e Heidegger. A ética e as formas históricas do habitar (e do não-habitar) Tempo Social, nº 7 (1/2), p. 139-149, 1995.
- GEERTZ, C. A religião como um sistema cultural In: A interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- LÉVI-STRAUSS, C. A Ciência do Concreto In: O Pensamento Selvagem. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1976.
- _____. O Feiticeiro e sua Magia In: Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

- _____. A Eficácia Simbólica In: Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- LE GOFF, J. A rejeição do prazer In: O Imaginário Medieval. Lisboa: Estampa, 1994.
- MAUÉS, R. H. Algumas Técnicas Corporais na Renovação Carismática Católica. Ciências Sociales y Religion (Ciências Sociais e Religião), v. 2, p. 119-152, 2000.
- MAUSS, M. Esboço de uma Teoria Geral da Magia. In: Sociologia e Antropologia. Vol. I. São Paulo: Epu/Edusp, 1974a, pp. 39-176.
- _____. Técnicas Corporais. In: Sociologia e Antropologia. Vol. II. São Paulo: Epu/Edusp, 1974b, pp. 209-234.
- MACHADO, M. D. C. Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar. São Paulo: Anpocs, 1996.
- ORO, A. P. Avanço Pentecostal e Reação Católica. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- PRANDI, R. Um sopro do Espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático. São Paulo: Edusp, 1997.
- _____. Perto da Magia, longe da política In: PIERUCCI, A. F & PRANDI, R (Orgs.). A Realidade Social das Religiões no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1996.
- PORTER, Roy. História do Corpo In: PETER, B (Org.). A escrita da história. Novas Perspectivas. São Paulo: Unesp, 1990.
- RIVIÈRE, Claude. As regras de representação do corpo In: Os ritos profanos. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- SEEGER, A. *et al* A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras In: OLIVEIRA, J. P. de. (Org.). Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil. Rio de Janeiro: Marco Zero/ Ed. Ufrj, 1987.
- SILVA, G. M. da. A formação espiritual do músico carismático: crenças e concepções In: Fragmentos de Cultura, Goiás, nº 10, p. 1867-1882, 2004.
- SENA, E. J. Os Sons Elementares do Espírito: notas sobre a música como um rito na Renovação Carismática Católica. Seminário temático 07: Religião, diversão e arte. IX Jornadas Sobre Alternativas Religiosas Na América Latina, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: <<http://www.ifcs.ufrj.jornadas/br>>. Acesso em: 30 nov. 2000.
- TURNER, V. O Processo Ritual (Estrutura e Anti-Estrutura). Rio de Janeiro: Vozes, 1974.
- VAN GENNEP, A. Os ritos de passagem. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.
- WEBER, M. Rejeições Religiosas do Mundo e Suas Direções In: Ensaios de Sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. Sociologia da Religião (Tipos de Relações Comunitárias Religiosas) In: Economia e Sociedade: Fundamentos de uma Sociologia Compreensiva. Brasília: UnB, 1991, pp.279- 295.

ⁱ “De acordo com o relato bíblico, no quinquagésimo dia da ressurreição de Jesus, o Espírito Santo manifestou-se aos apóstolos, que estavam reunidos no Cenáculo, através de línguas de fogo. Esse episódio é lembrado com o nome de Pentecostes, que significa quinquagésimo em grego. O falar em línguas estranhas, que se manifesta em ritual de transe, entendido como carisma ou dom de Deus, fundamental à identidade dos pentecostais evangélicos, foi incorporado à prática religiosa dos católicos que seguiam o movimento carismático que então nascia.” (Prandi, 1997, nota 2, p. 33)

ⁱⁱ O Movimento de Renovação Carismática Católica surgiu nos Estados Unidos no final da década de 60, impulsionado a partir de uma experiência espiritual vivida por um grupo de jovens universitários num retiro realizado na Universidade de Duquesne, Pittsburgh, em fevereiro de 1967. De sua fase embrionária rapidamente se espalhou pelo mundo chegando ao Brasil em 1969. Sua ênfase é voltada para a dimensão místico-espiritual a partir do contato com o Espírito Santo valorizando os dons, a emoção, a palavra, os sacramentos, o amor por Maria, a música e a obediência à hierarquia da Igreja Católica. Conta com um grande número de adeptos vinculados em comunidades e grupos de orações espalhados pelo mundo. Para fins de esclarecimento, ao longo do texto, utilizo as expressões Movimento Carismático, Renovação Carismática em referência a Renovação Carismática Católica. Agradeço ao Prof. Dr. Raymundo Heraldo Maués (UFPA) pelos relevantes comentários e sugestões para a elaboração do artigo.

ⁱⁱⁱ Estado no qual os ministros de música adquirem a partir do cumprimento das regras do ministério e da religião Católica como: confissão, participar e comungar na missa, ter oração pessoal, batismo no Espírito Santo, participar das formações.

^{iv} Estado que representa na visão dos ministros de música a perda do elo com Deus, mediante o não cumprimento das normas religiosas, passando a adotar um comportamento fora dos princípios éticos propagados tanto pela Igreja Católica quanto pela Renovação Carismática.

^v São estudos que abordam os aspectos pertinentes à conduta espiritual e moral na atividade do músico, elaborados pelo movimento carismático. Sobre o assunto consultar: Silva, 2004.

^{vi} Termo que designa homens e mulheres que ocupam a função de evangelizar nas diversas áreas de serviço de atuação como música, teatro, dança, pregação, cura e aconselhamento.

^{vii} Refere-se aquele que é investido de poder sobrenatural para realizar suas ações com eficácia.

^{viii} A palavra ministério designa um cargo de serviço destinado para as atividades que envolvem a música no âmbito religioso.

^{ix} Apesar de que existe essa afirmação sobre o chamado ao ministério de música, encontramos casos especiais, conforme nos relataram os ministros, de pessoas que entraram no ministério apenas por apresentarem habilidades musicais. Porém a permanência destas pessoas esteve vinculada a um curto período de tempo no ministério.

^x Durante a realização do trabalho de campo junto a este ministério, haviam ingressado cinco candidatos em fase de preparação. Atualmente, nenhum destes acompanha o ministério em suas atividades. Sendo que dois saíram do grupo por motivos não revelados, enquanto os outros três, ainda permanecem no grupo ocupando outras atividades. É interessante notar que após a saída destes candidatos ocorreu a entrada outras pessoas no total de quatro novos candidatos e logo passaram a ocupar funções. Isto nos leva a crer que embora se tente ritualizar a entrada no ministério para uns (principalmente quando estes ainda não possuem certo domínio de técnicas vocais ou instrumentais), há em alguns casos, exceções concedidas a outros.

^{xi} Observamos que o ministério de música Adonay não dá base para os pretensos candidatos desenvolverem suas habilidades musicais. O que existe é uma espécie de estímulo feito pelo coordenador, aos membros, para irem à busca de aperfeiçoamento técnico. Há também, mesmo que de forma esporádica, uma ou outra atividade isolada em termos de repasse de técnicas, realizada por um integrante mais experiente a um novato.

^{xii} Tais núcleos os quais nos referimos encontram-se visivelmente expressos na estrutura de um grupo de oração como, ministério de música, pregação, cura e aconselhamento, intercessão, teatro e dança.

^{xiii} Segundo informações dadas pelo coordenador do ministério, todo ministro de música inicia suas atividades em uma celebração da missa.

^{xiv} “O grande movimento de avivamento espiritual que aconteceu nos Estados Unidos na década de 50 varreu o protestantismo histórico norte-americano com o surgimento dos ideais do pietismo dos séculos XVII e XVIII.” (Prandi, 1997, pp. 49-50)

^{xv} As normas colocadas para os ministros de música são: confissão, participar da missa durante a semana, participar das formações, das manhãs de espiritualidade, ter oração pessoal e participar do grupo de oração.

^{xvi} A definição do conceito de técnicas corporais elaborado por Mauss refere a “[...] maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos.” (Mauss, 1974 b, p. 211).

^{xvii} A noção de uma antítese entre espírito e a carne foi uma ‘abreviação teológica’ peculiarmente profética. Paulo acumulou a noção da carne de uma superabundância de noções superpostas. A opacidade carregada de sua linguagem confrontou todas as eras posteriores como um teste de Rohschach: é possível aquilatar, na exegese repetida de uma simples centena de palavras das epístolas de Paulo, o rumo futuro do pensamento cristão sobre a pessoa humana. [...] Sendo uma coisa fraca em si, o corpo foi apresentado como estando à sombra de uma força poderosa, o poder da carne: a fragilidade física do corpo, sua propensão à morte e o inegável pendor de seus instintos para o pecado serviram a Paulo como uma sinédoque a condição da humanidade lançada contra o espírito de Deus. (Brown, 1990, p. 50)

^{xviii} Nas comunidades fundadas por Paulo, o corpo – e muito particularmente o corpo dos homens jovens – não devia desfrutar de nenhum dos despreocupados momentos de indeterminação que lhe eram concedidos pelos pagãos. O corpo não era uma coisa neutra, situada entre a natureza e a cidade. Paulo o estabeleceu firmemente como um ‘templo do Espírito Santo’. Tratava-se de um lugar de ordem visível, sujeito a limites que era sacrílego transpor. Pertencia ao Senhor. Era, na verdade, um objeto físico tão completamente impregnado do espírito d’ele quanto os membros de um corpo: ‘Acaso não sabeis que vossos corpos são membros de Cristo?’ (Brown, 1990, p. 53)

^{xix} Para uma compreensão sobre a distinção entre religião e magia consultar os trabalhos de Weber, 1991, pp. 279-295 e Mauss, 1974a, pp. 39-176.

^{xx} O termo é proveniente da psicanálise emprestado pelo autor.

^{xxi} Sobre o assunto consultar: Oro, 1996, p. 51 e Carranza, 2000, p. 46.

^{xxii} Adoto a definição empregada por Sena, a qual refere-se as músicas ungidas como “[...] dotadas de uma eficácia ‘real’, pois propiciam a ação de Deus nas pessoas.” (1999, p. 11)

^{xxiii} Maués, referindo-se à compreensão dos carismáticos sobre a utilização das técnicas corporais, afirma que “[...] para os carismáticos, esses eventos são resultado ou efeito da entrega do fiel ao poder divino, que o infunde com seus dons e, com isso, o cura, física e espiritualmente, permitindo que, se tudo for acompanhado de uma vida de oração – tanto nas reuniões carismáticas, em público, como na intimidade do lar – de frequência à eucaristia, de uma coerência entre a prática religiosa e a vida cotidiana etc., o mesmo se transforme numa nova pessoa (ou personalidade). Thomas Csordas em um de seus livros, chama, a esse processo, de construção de um ‘self sagrado’ (sacred self) (Csordas – 1994).” (2000, p. 143)

^{xxiv} Segundo Weber (1978), o diálogo entre religião e arte é marcado por uma relação tensa entre esses dois domínios, pois a arte passa a competir com a religião assumindo uma *função redentora* na sociedade, como consequência do processo de racionalização.